



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro
Fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les
PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

16 de Fevereiro de 2008 • Ano LXIV • N.º 1668
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - E-mail: obradarua@icf.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Pelo deserto

A Quaresma aí está de novo! Neste ano, quase pegada ao Natal... São tempos da mesma sinfonia, que é o ano litúrgico no qual se manifesta o Mistério da Páscoa da Senhor! A Quaresma é um tempo de «deserto» sendo que essa é a realidade que melhor exprime a sua riqueza. Como Povo detentor de uma invejável orla marítima que somos, nem nos apercebemos do que seja habitar nessas latitudes áridas, a não ser pela imaginação, pela ficção cinematográfica, ou pelas imagens absolutamente arrajadas de um qualquer «rali»...

Clara que o termo entendido como aridez, lugar inóspito, está longe de ter apenas uma conotação geográfica... Entre nós fala-se de desertificação quando observamos assimetrias entre o «interior» em agonia e o «litoral» desenvolvido e apetecido pelos grandes investidores.

Há também o «deserto» da natalidade, da população, portador de grande angústia e preocupação quanto à transmissão da nossa herança cultural — o modo de não deixar morrer a nossa memória colectiva, as nossas raízes.

As nossas aldeias são um «deserto». Algumas, emblemáticas, um chamariz ao turismo rural, somente.

Onde estão as nossas crianças? Que movimento «migratório» as levou e parquê?

Já há quem venha a esta nossa Aldeia de Rapazes e Meninos e, ao olhar para o «deserto», pergunte por eles... Às vezes, não sabemos se rir ou chorar.

É também, esta, uma experiência de «deserto».

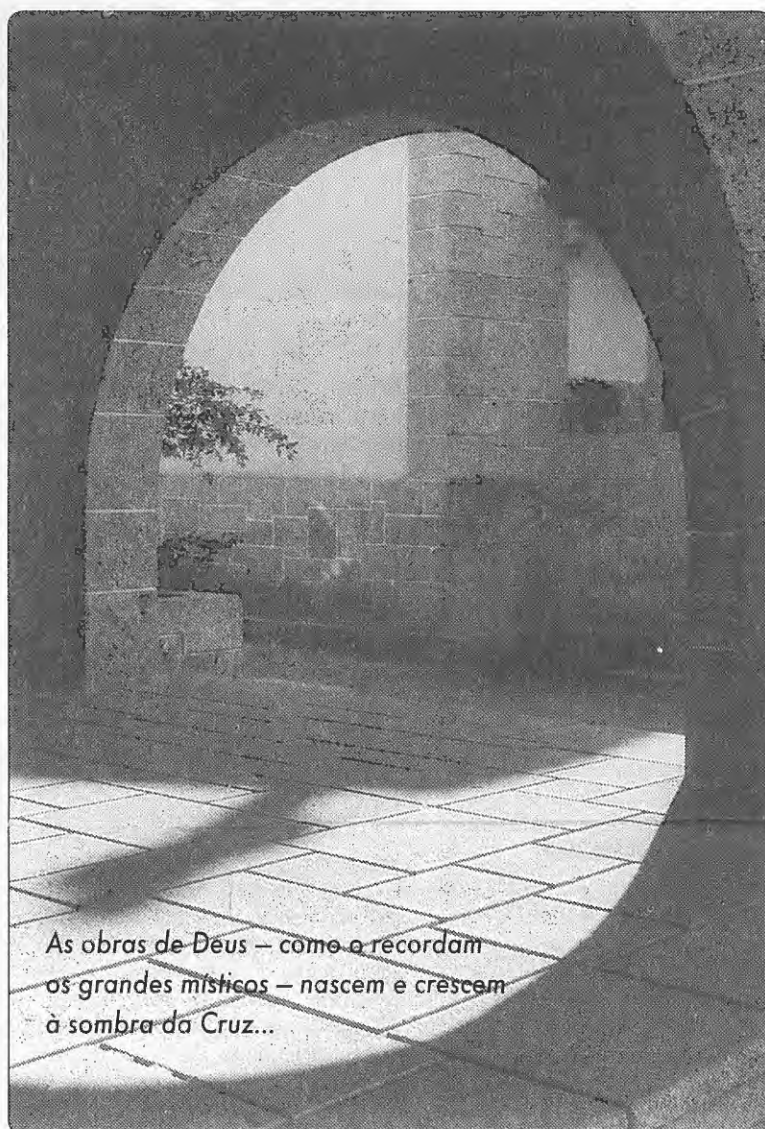
Por onde andam os meninos do Pai Américo, quem os levou e parquê? Que aconteceu à orla da sua capa tão venerada de Norte a Sul?

Teremos nós esquecido a expressividade inconfundível do seu sorriso, a sua liberdade de dizer e denunciar de forma terna, frontal, sem medo de perder fosse o que fosse?

Teremos nós perdido a sua liberdade criativa, a sua coragem de quebrar rotinas?

Gritos no «deserto» que hão-de conduzir os nossos passos para a sua escola: «O Pobre é a minha glória. Por ele sou conhecido e naturalmente amado. Nascei com esta devoção. Os Pobres são os meus amigos devotos. São as minhas testemunhas de defesa. Hei-de topar muitos deles no derradeiro momento da minha vida. Os Pobres têm-me livrado e livram-me sempre do mal...» Quanto não teremos a reaprender do seu ideário espiritual, do seu coração, do seu colo que aos deserdados do maior bem que é o amor fez chamar «Pai»!

Que esqueçamos nós dessa figura ímpar a que os nossos Bispos, por ocasião do cinquentenário da sua morte, apelidaram de «jóia da Igreja em Portugal»?



As obras de Deus — como o recordam
os grandes místicos — nascem e crescem
à sombra da Cruz...

O «deserto» é tempo de reflexão e de questionamento; tempo de purificar a memória e despojamento. Não vamos temer os «escorpiões». Eles são companhia de quem se faz à paisagem agreste. É que as obras de Deus — como o recordam os grandes místicos — nascem e crescem à sombra da Cruz... É Ela que aponta, como flecha, a Ressurreição, a Páscoa do Senhor; a nossa Passagem.

Padre João

Malanje

TÊM vindo muitos, neste fim de ano, bater à nossa porta... «Não tenho pai nem mãe, vivo com a minha avó, já velhinha». Acredito que sim. Geralmente são as avós que criam os netos. As mães foram com outro homem ou andam por lá...

Uma boa parte dos pais não assume os filhos. Se há lei que obrigue — não corre no seu leito.

Um bom número de raparigas, dos 15 e 16 anos, andam com filhos nas costas que os pais não assumiram... É fácil dizer que o filho é doutro nesta sociedade permissiva.

Mais camas, mais colchões, mais arroz? Devagar, o problema é mais profundo.

Vão mais três nossos para a Universidade. As condições no Lar não são as melhores.

Padre Rafael e eu vamos prescindir do nosso quarto para servir de sala de estudo. Dormiremos num canto.

Também um jovem ou senhora para tomar conta... O Carlitos está cansado e com razão.

Até 1980 estava viva, mesmo nas sanzalas, a preocupação pelo «outro»; a guerra levou-a. Hoje, reina o «eu». Continuaremos a luta.

Pedimos já aos Senhores Bispos um cantinho nos terrenos da Igreja para um Lar... Terá voz a nossa Obra pequena e pobre?

Passou o Natal; passou o Ano Novo. Tudo bem. Todos os nossos Rapazes tiveram uma prenda, e os mais pequeninos também um brinquedo.

Algumas empresas e amigos ofereceram-nos o tal cabaz com muitas garrafas de bebidas. Gratos. Pedimos ao Senhor para eles um ano próspero. Porém, peço-lhes que no próximo ano não nos mandem garrafas, mas... arroz.

O álcool é rei. Somos testemunhos de bebedeiras monumentais nesta quadra de festas... Vamos todos — autoridades, organizações e povo: peguemos em armas e destronemos o rei.

No plano de Pastoral 2007/2008, uma das respostas sobre o matrimónio foi: Para muitos jovens o

Continua na página 3

SETÚBAL

O Rapaz precisa de quem seja tudo para Ele

A desorientação familiar que se experimenta nos dias que vivemos, não pode deixar de trazer muitos frutos amargos. É um modo de viver muito actual, usar a liberdade sem olhar às consequências do que se faz, que é o mesmo que agir sem responsabilidade. Resolvem-se os problemas da vida retirando da sua equação as parcelas que trazem dificuldade à sua resolução. Atiram-se para o lado, e o problema deixa de existir, ficando livre o caminho para seguir em frente como se nada tivesse acontecido.

Mas, como é óbvio, os membros que, conjugados, criaram o problema, de facto continuam a

existir. Após um problema que se não resolveu, outros vão surgir, aumentados em dificuldade de resolução.

Quando assim se procede e neles há crianças envolvidas, não restam dúvidas de que serão elas quem mais irá sofrer as consequências da irresponsabilidade.

Agora é mais um Pequeno que nos é dado conhecer, que carrega o peso da desagregação familiar criada pelos que o geraram e pela sociedade que contribui para esta desorientação, com os seus desvalores. Todos prosseguem na sua vida, ficando a criança sozinha e sem resposta para as suas angústias, e, ainda por cima,

responsabilizada nas consequências de um mal do qual não teve culpa alguma.

Não lhe faltam os meios materiais indispensáveis à vida; faltam, sim, as condições humanas básicas, o ambiente familiar necessário para que ele encontre apoio e resposta aos seus naturais problemas de crescimento, acrescidos destas dificuldades que lhe puseram no caminho. Faltando-lhe a família, começa já a fazer da rua a sua casa, terra de todos e de ninguém.

Este Pequeno ainda vamos a tempo de lhe estendermos a nossa mão e fazermos caminho com ele. Mas sabemos que, em relação

a muitos outros, não é dada esta oportunidade de ajuda. São aqueles que, vítimas de problemas semelhantes, são jogados em tentativas de solução junto deste, daquele e de outro familiar. Entretanto o tempo vai passando e a criança vai crescendo e fazendo-se adolescente. Depois, ficando o problema irresolúvel, já ninguém lhe conseguirá dar a mão. E como se poderá multiplicar este problema no futuro, que nem no banco dos réus se poderá resolver!

Preparámos já um lugar para este Rapaz, que fomos conhecer, na nossa Casa e em nosso coração. É uma entrega sem condições de que ele precisa. Estando dispostos para isso, verificamos que somos poucos e que também para nós a idade vai aumentando. Olha e reflecte, tu que lês estas linhas e és mulher com disponibilidade sem reservas; o Rapaz precisa de quem se esqueça de si mesmo e seja tudo para Ele.

Padre Júlio

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

PARTILHA — Durante a última quinzena, recebemos mais de três mil euros, dos quais apenas temos uma indicação, da assinante 30845, da Costa da Caparica, com 50 euros. «É pouco para tanto que necessitam, mas não posso mais. Um bom ano com muita saúde e que Deus vos ajude».

Temos onze pobres a quem damos o que for preciso.

E, curiosamente, 1020 euros para uma casa de Pobres.

Lourdes, de Cacém, 30 euros: «As palavras são sempre as mesmas. Cá envio os pósinhos para os mais pequeninos. Continuo sempre a pedir-vos muita saúde para poderem continuar com a vossa maravilhosa Obra. Bem-hajam.»

O nosso endereço:

Conferência de Paço de Sousa,
ao cuidado do Jornal O GAIATO,
4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

SETÚBAL

PAI AMÉRICO — Alguns Rapazes tiveram a ideia, em conjunto, de elaborar um projecto em homenagem ao nosso Pai Américo, a propósito dos 120 anos do seu nascimento. O objectivo é comparar a sua história com a História de Portugal, fazendo uma cronologia. As datas mais importantes da sua vida serão destacadas com os devidos acontecimentos. Teremos, para colaboração deste evento, a ajuda do Dr. Paulo Faria, nosso Amigo, e que nos será muito útil. Este trabalho será exposto no dia do Encontro evocativo, a 5 de Abril, no Auditório da Anunciada, em Setúbal. Aproveitamos para convidar todos a visitarem o nosso site sobre os 120 anos do nascimento de Pai Américo, na internet, que é o seguinte:

www.padreamerico120anos.pt.vu

FUTEBOL — A nossa equipa de futebol tem andado, agora, às mãos do nosso treinador, Ricardo, a preparar treinos mais puxados porque aproximam-se por aí o Torneio Inter-Casas. E como qualquer jogador, os nossos Rapazes estão desejosos de jogar este Torneio.

Já na semana passada, os jogadores demonstraram a sua aptidão para o divertimento no futebol, ao defrontarem uma equipa de Palmela, que venceram merecidamente por 4-2.

O jogo foi bonito; os golos foram bonitos, mas o mais bonito ainda foi a confraternização entre todos os participantes.

Por mais que todos queiram jogar, só vinte dos jogadores foram inscritos, e ainda só podendo ir cerca de dezasseis, nos jogos fora. Portanto, todos terão de se esforçar para poderem ser escolhidos.

Entre os inscritos estava o Ussu-mane que, há dias, num jogo inter-escolas, partiu uma perna e, infelizmente, teve de ir para o hospital para ser operado.

Está agora internado no Outão e aguarda ter alta, adiando assim a sua participação nos jogos da equipa.

Desejo-lhe, da minha parte, as melhores, e que regresse depressa, porque a equipa precisa dele.

OBRAS — Estão a decorrer obras na casa 3, com o objectivo de fazer uma ligação da frente da casa às traseiras, para facilitar a ida dos Rapazes ao Pavilhão.

A passagem será feita na actual casa-de-banho. A nova será construída onde era a rouparia da casa 3, que passou para um espaço vazio na sala-de-estar.

Quem tem a seu cargo este trabalho é o senhor Paulo, que conta com a ajuda de alguns Rapazes.

COLABORADORES — A D. Francelina, além de nossa Amiga, era uma grande ajuda na nossa lavandaria, onde trabalhou durante várias dezenas de anos. Chegou, agora, o momento de se despedir de nós e retornar, em exclusivo, à sua vida.

O seu marido, o «ti Zé», também trabalhou cá muitos anos, colaborando em muitas das construções que hoje temos, o qual se despedira de nós anteriormente.

Agradecemos a sua amizade, e desejamos a este casal nosso Amigo a continuação de uma vida cheia de saúde e fé, e que continuem a visitar-nos, ao Domingo, nas nossas celebrações.

Danilo Rodrigues

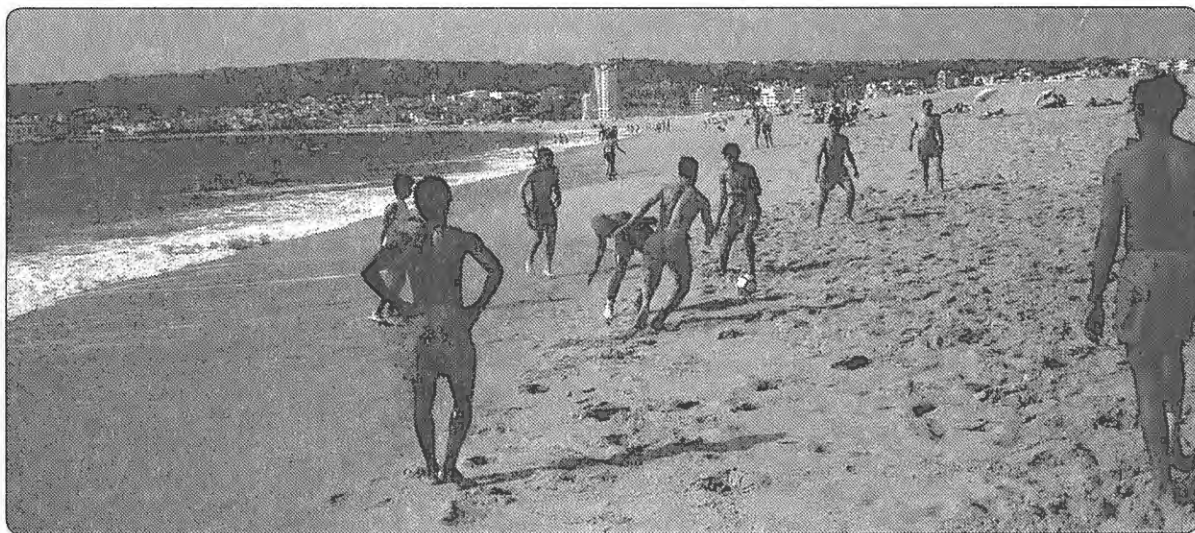
ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Como é do conhecimento, pensamos que, geral, realiza-se, em Setúbal, no próximo dia 5 de Abril, uma comemoração dos 120 anos do nascimento de Pai Américo, por iniciativa conjunta da Associação de Antigos Gaiatos daquela área e da respectiva Casa. Já nos tinha cabido realizar, em Coimbra, as comemorações do Centenário; ao Porto, as do Cinquentenário do falecimento; e, agora, esperamos que aquelas sejam, igualmente, um êxito. Pensamos que alguns colegas estejam interessados em se deslocar àquela cidade, na data indicada, um sábado, devendo, para isso, contactar com o nosso Zé Martins, pelo telefone 239444082, dando conhecimento dessa intenção para uma questão de transporte, pois poderão juntar-se em apenas alguns carros, reduzindo-se assim as despesas.

Portanto, se vives para cá do Mondego, ou para lá, mas perto, poderás tomar a tua decisão.

Pelos jornais tivemos conhecimento do falecimento de um Antigo Gaiato num acidente em Espanha, que vivia em Figueiró dos Vinhos, cujo nome era para nós desconhecido por não ser da nossa geração, e sabemos chamar-se Neutel Pais de Almeida, tinha 38 anos, era casado e deixa dois filhos menores. Saiu de Miranda aos 13/14 anos, com a responsabilidade de um senhor que foi seu patrão numa Tipografia, onde trabalhou muitos anos e era estimado, tendo abandonado aquele emprego para se dedicar a outro mais rentável, tendo passado a deslocar-se a França por períodos curtos e numa dessas viagens aconteceu o inesperado.

Embora não o conhecêssemos, por não ser nosso Associado nem da nossa geração, estivemos representados no último adeus, bem como a Casa, através de alguns colegas e do nosso Padre



Eles não perdoam... Onde estiver uma bola, está um Gaiato...

Manuel Mendes, que concelebrou a Missa de corpo presente, com o respectivo Pároco.

Daqui, enviamos a sua mulher e filhos, que não conhecemos, as nossas mais sentidas condolências.

Manuel dos Santos Machado

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Depois de alguns treinos consecutivos, fizemos o primeiro jogo deste ano, a 26 de Janeiro. E contra com quem havia de ser: C. C. Rec. Raimonda, o segundo classificado no escalão de Juniores da A. F. Porto. Uma equipa de alto gabarito. É uma verdade!

Começaram por marcar primeiro, mas à meia hora de jogo, Ricardo Sérgio, depois de muito trabalho e de grande esforço físico, fez a igualdade. Só ele!

No banco não festejei, como nunca festejei, exteriormente, não é que não me apeteça...!

No entanto, quem sabe, sabe! E eles souberam, outra vez, colocarem-se na posição de vencedores.

Já na segunda metade do jogo, Abílio, aquele «rasteirinho», mas que sabe o que faz dentro das quatro linhas, voltou a igualar o marcador.

É certo que andamos sempre atrás do prejuízo, e não foi por acaso, que eles fizeram o 2-3, mas como não há duas sem três, Agostinho — que quando liga o «turbo» ninguém o consegue apanhar — a 15 minutos do fim do encontro, num lance genial, restabeleceu, de novo, a igualdade, fixando o resultado final.

Um jogo onde, para além de se ter praticado excelente futebol, de parte a parte, a nota mais positiva foi, sem dúvida, o bom senso, a coerência, a tolerância e a compreensão mútua de ambas as equipas, durante os 90 minutos.

O futebol é realmente rei, quando encarado e jogado com desportivismo e fair-play.

Conclusão: um bom jogo/treino de preparação para o tão desejado Inter-Casas, que queremos, para além de tudo, seja um encontro verdadeiramente familiar e não um pretexto para dividir a grande Família que somos.

Se quando jogamos com os de fora, o resultado é o que menos conta..., entre nós, muito menos.

O que é preciso é que todos se divirtam, convivam, se jogue realmente futebol; e que no fim de cada jogo, todos se abracem, se continuem a compreender

uns aos outros e o resultado, seja ele qual for, fique logo no role do esquecimento.

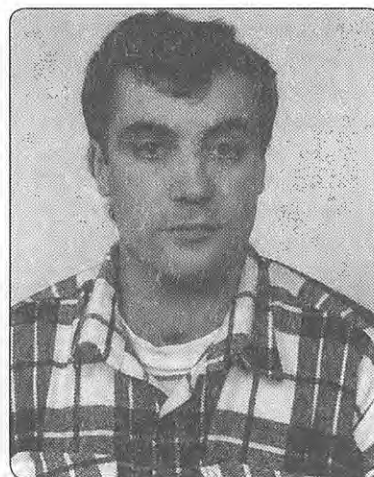
Espero que assim seja! Se assim não for, é melhor jogarmos matrecos, para que ninguém se magoe fisicamente, nem sentimentalmente.

O primeiro jogo, como sabem, é dia 1 de Março em Miranda do Corvo. Foi lá que começou a nossa Obra e é lá que fazemos questão de dê o pontapé de saída ao respectivo Inter-Casas, com as duas equipas mais fortes do Torneio: Miranda-Setúbal.

Que comece bem e que acabe melhor, se for possível, no dia 24 de Maio, em Paço de Sousa, para que todos nos sintamos satisfeitos pela realização de mais um Inter-Casas.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO



NEUTEL (ANTIGO GAIATO)

— A 21 de Janeiro, um acidente de viação, na auto-estrada A62, perto de Pollos, na província de Valladolid, Espanha, vitimou 4 portugueses, que regressavam de França. Entre eles, dois irmãos, um dos quais, Neutel Pais de Almeida, viveu na nossa Casa do Gaiato. Nascido a 27 de Maio de 1970, foi admitido em 2 de Julho de 1980.

Apreendeu a profissão de Tipógrafo, era humilde e trabalhador, e estimado na sua terra. Casado com D. Susana, tinha dois filhos, Bruno Miguel (9 anos) e Fábio Gabriel (5 anos), e residia em Figueiró dos Vinhos.

O seu funeral, a 24 de Janeiro, com Eucaristia, na igreja matriz, presidida pelo Padre Manuel, foi uma expressão muito sentida de dor «e de

esperança no Deus vivo». O Pároco, Padre António, salientou que a Obra da Rua «é uma família». Na primeira sexta-feira, dia 1 de Fevereiro, a nossa Comunidade lembrou a sua memória, com os familiares mais próximos.

REUNIÃO DOS PADRES DA RUA

— No dia 22 de Janeiro, terça-feira, alguns dos nossos Padres encontraram-se, em nossa Casa, para tratarem de assuntos da Obra da Rua. Vieram: Padre João, Padre Carlos, Padre Acílio e Padre Júlio. O Padre Baptista não pôde deslocar-se, por motivos de saúde, e desejamos melhoras. Almoçaram com os Rapazes e os alunos do 1.º Ciclo; e, pelas 18.00h, celebraram a Eucaristia, na nossa Capela, presidida pelo Padre Responsável desta Casa.

S. BRÁS — A memória deste Santo, advogado das doenças da garganta, e patrono da nossa Quinta, foi celebrada com Eucaristia, no dia 3 de Fevereiro, na nossa Capela.

DESFILE DE CARNAVAL

— A 1 de Fevereiro, sexta-feira, os alunos e alunas da nossa Escola Básica do 1.º Ciclo participaram no desfile carnavalesco, da Escolas deste nível de ensino, do Agrupamento de Miranda do Corvo. O tema era a reciclagem e, no nosso caso, o vidro. Percorreram as principais ruas da Vila, com os fatos elaborados na nossa Escola.

MINI-FÉRIAS

— Com a Comunidade reunida, aproveitámos para continuar no arranjo dos nossos espaços. A 4 de Fevereiro, segunda-feira, os Rapazes deram um jeito no campo de futebol, por causa dos treinos, que têm levado mais a sério, e dos jogos com as poderosas equipas de Setúbal e de Paço de Sousa.

QUARESMA

— Este tempo necessário de preparação para a Páscoa da Ressurreição do Senhor começou, em nossa Casa, com a celebração da Reconciliação e a Eucaristia de Quarta-Feira de Cinzas, pelas 19.30h. A vida da nossa Casa exige mesmo uma mudança para melhor, até nas Escolas, para que haja harmonia.



BENGUELA

É o Amor que resolve tudo

NÃO há tempo a perder. Não há tempo para descansar. É urgente seguir os passos dos mais pobres para os segurar e não venham a cair e morrer. O Mestre foi à frente. Fez assim e salvou.

O menino não morreu. A mãe chegou, bateu à porta e encontrou-a prostrada, com o filho ao colo, prestes a desfalecer. Foi uma corrida até ao hospital. Não tem mais ninguém. Os cinco filhos são toda a sua riqueza. Não tem mais nada. Pensei que era o mais pequenino, mas enganei-me. Na sua cubata ficou o bebé de peito. Foi preciso levá-lo também. Ontem, encontrei a mãe no hospital. Bateu palmas de alegria, porque o seu filhinho estava vivo, com sangue renovado.

Estas cenas fazem-me lembrar outras parecidas, contadas no Evangelho. Hoje, encontrei-me com duas. É o Amor que resolve tudo. A Justiça clama pelo Amor, como o corpo pela alma. Não podemos viver de outra forma. Quem dera o individualismo, o egoísmo, deixassem de ter lugar no vosso coração! Estas pessoas são portadoras da mesma dignidade que nós temos. Por isso, não ficamos indiferentes. Sim, é uma gotinha de água no oceano. Que importa? Se cada um de nós jorrasse uma gotinha de água do mais fundo do coração, a torrente renovadora transformava, lentamente, o nosso mundo. Vamos fazer o que podemos fazer. Eis a nossa obrigação!

Subi, mais uma vez, o morro, onde vivem milhares de pessoas amontoadas, a viver em suas cubatas. Fui pelas mãos dum homem pobre que levantou as paredes da sua casinha melhorada e precisa da cobertura. Outro modo, vem a chuva e todo o trabalho se perde. O

material usado é muito precário. Não têm dinheiro para mais e melhor. Bem sei como devia ser. Mas não tenho o mínimo de fundos necessários para uma ajuda mais segura e duradoura. Deixá-los, então, ao ar livre? Não! São os pais e são os filhos que se agarram às nossas mãos. Que hei-de fazer? Agarrar-me às vossas mãos, como os filhos, às costas das mães, choram para se agarrarem aos peitos das mães. A casa vai ser coberta. A família fica contente. Para já faz-se o que é possível. Ao lado, está outra moradia, nas mesmas condições. Levei a fita métrica para medir e saber quantas chapas são precisas.

O povo gosta de nos ver a caminhar pelos mesmos sítios por onde passa. Gosta que saibamos onde vive e como vive. Sente-nos pertinho de si. Quem nos dera ter tempo para andar por lá! A vida, porém, dentro da nossa Casa, é para nos consumir até ao fim. O acompanhamento destes filhos é o segredo do bom ou mau resultado na sua educação. Esperamos ardentemente que o Pai do Céu chame quem Ele sabe para queimar sua vida no fogo do amor por estas crianças, adolescentes e jovens. Os mais pequenos passaram todo o mês de Janeiro, na praia, em casa emprestada. Foram dias muito felizes para eles. A Teresa acompanhou o grupo da Casa-Mãe com todo o seu carinho materno. O José Luís, com toda a sabedoria do seu coração, foi o companheiro paterno dos restantes grupos.

Uma palavra de gratidão aos amigos e amigas que, por cartas, chegam até nós com pedacinhos das suas vidas.

Padre Manuel António

OVELHAS — Não há duas sem três, diz o povo. De facto, o nosso rebanho está em franco crescimento. Assim, a 26 de Janeiro, nasceu outra fêmea, que não teve dificuldade em mamar. Afinal, o segundo cordeiro nasceu a 4 de Janeiro. É preciso aumentar a corte, porque as crias tiveram que ser separadas, para não serem feridas. Também, se compraram umas coleiras, para as ovelhas poderem pastar nos bataréus, próximo da rotunda Padre Américo.

BENS ALIMENTARES — Continuámos a receber, com agrado, géneros alimentares e outros bens, o que nos tem evitado algumas despesas, que são sempre muitas. Um Amigo do Instituto de Estradas de Portugal conseguiram, outra vez, lacticínios, mais produtos de limpeza. Foi uma oferta bem recebida, pois os iogurtes deram para algumas sobremesas. Bem-haja!

As mães das crianças da zona, que frequentam a nossa Escola do 1.º Ciclo, ofereceram leite, algum detergente para a roupa (cuja necessidade é diária) e produtos de limpeza. Têm sido generosas e simpáticas. Muito obrigado!

A Casa Nossa Senhora da Paz, em Coimbra, deu-nos, também, alguns alimentos, que agradecemos.

PARTILHA — Nos últimos tempos, o telefone não tem parado de tocar! Alguns telefonemas terão ficado pelo caminho. Desculpem-nos. Tornou-se necessário o pedido dos números de contribuinte dos nossos Amigos, para que os seus donativos sejam aceites pelo fisco. Ainda nos faltam muitos e, até, temos moradas incompletas, o que impede o envio dos respectivos recibos. Especialmente aos Amigos da região centro, vejam lá se nos acodem. Assim é exigido, para que o recibo conte para o IRS.

Alunos do Alternativo

Malanje

Continuação da página 1

o matrimónio é, ainda, «um monstro adormecido» — ninguém quer falar dele. A opção mais corrente é viver maritalmente ou fazendo filhos, pontualmente, sem qualquer compromisso.

Assim é e vai de aumentarem as crianças sem rumo nem caminho. Vão ter às avós... Pobres — coitadas! Já mal se têm e ainda vão na lavra e se curvam sobre as mibangas na esperança da mandioca que lhes matará a fome. Casos há em que elas caem de bruços e ficam abraçadas à terra quente... Uma visão da Igreja que as declare santas! Santas avós!

— Minha avó é já velhinha e não pode ter-me...
— Vem...
— Minha avó morreu, deixe-me ir ao óbito...
— Vai...
Santas de Deus!

* * *

No ano passado fui apresentar três Rapazes nossos à família das noivas. Eles levaram os presentes conforme à tradição e costumes locais. Também com a família reunida apresentaram a carta de pedido envolta num paninho branco e presa com 4 alfinetes. Assim manda o ritual.

A carta foi feita e apresentada pelo noivo aos pais, ou a um responsável da família com, o pedido da filha, o compromisso de a amar e respeitar e a promessa de casamento na data a combinar. A seguir falou o chefe de família da noiva dizendo que as ofertas e a carta estavam conforme ao costume e tradição e que a família aceitava o pedido. A seguir falei eu como pai que tomava o compromisso.

Seguiu-se uma pequena festa.

Fico pensando na promessa do casamento: O tempo, o lugar, o modo e, sobretudo, a preparação.

É um carreiro que sobe até ao cume... Carreiro apagado, são poucos os que sobem.

* * *

O nosso Quim vai frequentar o 2.º Ano de Teologia. Veio passar as férias connosco. Foi uma presença preciosa — pela ajuda que deu a todos e que serviu de exemplo aos mais velhos. Os mais pequenos gostam muito dele.

Que o Senhor o ajude a prosseguir no seu sonho de «Padre da Rua». Ele é o décimo dos que a nossa Casa tentou encaminhar... Será a chave de ouro? É cada vez mais forte esta esperança!

Padre Telmo

Património dos Pobres

O caminho que os Pobres me vão abrindo é cheio de Luz! A maioria das pessoas não se apercebe do sofrimento de tantas famílias, neste período que atravessamos. Há-as que já desanimaram e vivendo como podem, vão suportando condições de habitação muito longe do mínimo exigível para que, ao menos, os seus filhos não se sintam diminuídos perante os colegas e a sociedade, e não criem em si, para toda a vida, complexos de inferioridade ou de revolta que, mais tarde, se irão reflectir no seu comportamento social.

À medida que vou contactando, descubro surpreendido, mais do que as carências, uma certa acomodação à miséria, sobretudo da parte dos incapazes. Não reagem. Dada a impotência económica, conformam-se com a situação e transmitem aos filhos este sentimento, que sendo muito negativo, tem consequências previsivelmente perigosas para todos.

Vivemos num ambiente cultural insensível à pobreza envergonhada e fortemente carregada de pressão para vidas ilusórias!

Graças a Deus que a cruzada não é só minha, mas de muitos que fazem suas as minhas amarguras!

Com os donativos chegados, remi metade da dívida do casal citado no último GAIATO, no Tojal, de 6.311,55 euros. Ficarão a dar, por mês, à usuária empresa (de dinheiro na mão), 273 euros, pois a Sugadora não lhes alargou o prazo de pagamento além de dois anos.

Ajudei um gaiato, perseguido pela Justiça?, e com despesas de advogado e tribunais, a pagar ao Banco a prestação da sua casa, com mil euros.

Comprometi-me com outro, muito novo, que encontrei desamparado, a pagar-lhe os livros, o material escolar e fardamento para continuar a sua formação profissional e artística. São cerca de 250 euros/mês.

Um sacerdote deu-me das suas apertadas e severas economias, 6.500 euros. Outro enviou-me, 250 euros.

De Lisboa, da Rua Ponta Delgada, 30 euros; da Rua João de Lisboa, «para resolver os problemas que refere n' O GAIATO, pedindo o favor de não referir no Jornal que a oferta não é apenas minha», 110 euros.

Esta Amiga não se contenta em comungar as minhas dores. Espalha-as por corações abertos! É assim o Bem. Tem muita força.

O Porto marca. Sempre assim foi com a Obra. Uma velha amiga envia um vale de cem euros. Da Rua Sá da Bandeira, a mesma importância. A pedir anonimato, da Rua Prof. Mota Pinto, 250 euros. Luísa, num impresso com cabeçalho «Um dia de guerra para a paz», cem euros. E o mesmo da Avenida Montevideu.

De Setúbal, um cheque silencioso — quinhentos euros. Está tudo dito. A comunhão na Fé exprime o Indisível!

A assinante 17588, «Não quero ficar indiferente. Junto envio 200 euros, em cheque... e é dado de boa vontade... Que Deus o comule de Graças e Bênçãos... para poder continuar esse trabalho abençoado». E cumprimenta-me afectuosamente. Quanto afecto passa na Comunhão dos Membros Vivos do Corpo do Senhor?!... Quanto afecto, oração, alegria e sofrimento? Quanto? — Só Ele sabe.

De Castelo Branco, um grupo de Amigos, 450 euros, e a ternura perfumada do cheque! Odor transcendente!...

Coimbra também se manifesta: «Respondendo ao apelo efectuado no artigo Património dos Pobres, junto envio um cheque de cem euros a fim de contribuir com algo que ajude os casais que fazem esforços para viver com um pouco de dignidade... Espero que muitos corações se abram a estas necessidades... Com os meus cumprimentos cimentados no amor do Senhor que nos une!...» Maria Adelina. É isso mesmo.

Mais Coimbra. Agora é um Adelino, exprimindo «e desejando comunhão nas imensas dificuldades inerentes à compra de uma casa velha e as obras necessárias para que venham a ter condições condignas», 400 euros. De Pereira, com uma magnífica carta pondo em relevo a felicidade conjugal que brota da dedicação do marido, já reformado, em permanente doação ao próximo, 50 euros. É um flagrante contraste com tantos casais? Vazios, alimentados dos ilusórios prazeres do mundo!

Da Amadora, depositados na conta da Casa do Gaiato, 100 euros para o Património e o mesmo para a Conferência do Lar do Porto.

Mais, também da mesma cidade, 10 euros.

De Beja, «com maior inquietação na alma!» 20 euros.

A direcção postal do Património dos Pobres:
Lar do Gaiato — Trv.ª Padre Américo
3000-313 Coimbra.

Padre Acílio

AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR

da Doutora Maria Manuela Lopes-Cardoso

CONFORME o anunciado no derradeiro número d'O GAIATO (tardamente em relação ao Porto, do que pedimos desculpa) a apresentação do livro que «adapta a essência de uma Tese à divulgação do Tema», fez-se no dia marcado com o auditório da Universidade Católica cheio e em ambiente caloroso de interesse e amizade. Foi um encontro feliz, simples à moda do Porto, em que muitos dos assistentes quase tiveram de adivinhar o evento. Esperamos que em Lisboa, melhor avisada, suceda semelhante.

Na mesa: o Presidente da Católica no Porto que abriu a sessão dizendo da sua alegria pela escolha do lugar para este acontecimento; a Autora e o Editor do livro e o apresentador, o Prof. Doutor Walter Osswald que disponibilizou o seu trabalho de apreciação do livro para o dar a conhecer a todos os nossos Leitores. Ei-lo:

«Quando a Doutora Maria Manuela Lopes-Cardoso perguntou se me encarregava da tarefa de apresentar este livro, logo anuí, sem hesitações e seguro de que me seria proveitoso o labor exigido. Não podia adivinhar, na altura, que afinal se não trata, nesta obra aqui presente na forma de um elegante e bem impresso volume, de um livro, mas antes de três. Voltarei a este ponto um pouco mais tarde, e se tiverem a paciência e a bondade de me seguirem, tentarei explicar a trinitária natureza da obra.

Disse antes que aceitei apresentar este livro sem hesitação e certo de que lucraria imenso com a sua leitura atenta e cuidadoso estudo. É que a figura central desta obra de tal modo se agiganta no panorama da vida portuguesa do século XX e tão vivamente se projecta neste tempo actual que todo o estudo, achega ou ressonância que dele nos revele novos dados ou nos ajude a compreender e abarcar melhor a sua doutrinação e a sua obra (que são afinal a mesma coisa, como tão bem nos faz notar a Autora) — deve ser recebido com alvoroço e agradecido com sinceridade. Permitam-me que acrescente uma nota pessoal: O Padre Américo, o tal que apunha um ponto de exclamação ao seu nome, como que a assinalar o espanto que lhe causava ser padre e ser famoso, o Padre Américo, dizia eu, era bem meu conhecido. Pelos anos 40 baptizou ele uma prima minha, muito querida então e agora; e recordo-me do seu sorriso franco, dos seus olhos tão faiscantes que as lentes dos óculos não os velavam, da sua conversa simples e alegre, do carisma que irradiava e a todos, pelo menos naquele momento, transformava em discípulos do rosto visível que era a Sopa dos Pobres e da Casa do Gaiato de Coimbra. Sim, quando me cruzei pela primeira vez com o Padre Américo, ainda ele não tinha descoberto o Porto, que lamentava tão tarde ter conhecido; ainda não se iniciara a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Desses tempos fui testemunha interessada, embora inútil; em 1945, quando entrei para a Universidade, inaugurou-se o Lar do Gaiato no Porto, na mesma rua em que eu vivia, em casa que conhecia do tempo da anterior locatária. Depois, encontrei o Padre Américo nas folhas d'O GAIATO, o mais “famoso” jornal de Portugal, que lia de fio a pavio; e encontrei-o em igrejas, em praias, no Coliseu do Porto, onde se realizaram os saraus da sua família gaiata. Em todas essas ocasiões assisti e vivi o milagre da multiplicação dos pães, através das ofertas e das lágrimas que as acompanhavam, terra fértil e água de rega vivificante para que crescesse o trigo que havia de ser o “Pão dos Pobres” da sua obra.

O Padre Américo morreu em 1956, ano em que também faleceu meu Pai e nasceu meu filho Paulo. Morreu de acidente e como tal a lei exigia a realização de autópsia; mas o povo surgiu como negra e chorosa leva a encher o jardim do Carregal, a comprimir o Instituto de Medicina Legal e a exigir que fosse sepultado sem autópsia. Assim aconteceu — mais uma vez o Padre Américo se

eximiu às exigências da burocracia, ele que se recusou sempre a dar contas do que se lhe dava — e que era muito. (Lembro-me de ter convencido um amigo, abastado de bens materiais, a ir a um sarau dos Gaiatos; no dia seguinte dizia-me, com fingida zanga — “você pregou-me uma partida, não me disse como o sujeito é, e o resultado é que dei tudo o que tinha, até os anéis e o relógio”).

Era assim a pregação do Padre Américo — a vida caldeada de amor, verdades de fogo, apelo irrecusável à acção.

Compreendem agora a razão da minha gratidão à Doutora Manuela Lopes-Cardoso — ela facultou-me a alegria, o gozo, a epifania de um reencontro maravilhoso com o Padre Américo.

E ao mesmo tempo, através desta leitura, permitiu-me entender melhor, se quiserem aproximar-me um pouco mais do Pai Américo vivo, de hoje, presente. Na sua grande sabedoria, o povo depõe flores na base da sua estátua, ali na Praça da República, flores frescas oferecidas a quem está vivo; e a Autora deste livro outrotanto fez, ao elaborar este estudo.

É tempo de explicar um pouco a minha informação inicial de que nesta obra se incluíam três livros. Assim:

Em primeiro lugar, trata-se da “essência” de uma tese de doutoramento, orientada pelo Prof. Cassiano Reimão e aprovada na Universidade Nova de Lisboa; aqui despida de aparato académico, mas na essência, como bem precisa a Autora, dela resultante. Em segundo lugar, deparamo-nos aqui com uma biografia bem estruturada, com o devido apoio bibliográfico, desta extraordinária figura que, à semelhança do seu permanente e exemplo ideal, o Jesus Cristo dos pobres e dos doentes, teve uma vida privada, entre a adolescência e a idade adulta, de que pouco ou quase nada se sabe, antes de entrar na vida pública.

Finalmente, este livro oferece-nos uma análise da espiritualidade e da obra, que em feliz síntese a Autora denomina de “pedagogia da acção”.

Aqui chegados, urge expor o plano da minha breve e resumida intervenção. Breve, por respeito aos ouvintes, mais interessados na obra do que nos considerandos deste pobre apresentador; resumida, porque tanto haveria a dizer que se impõe uma economia, cingida ao essencial, mesmo com o risco de deixar por referir pormenores interessantes e finas notas de rodapé.

Não me deterei numa análise académica da dissertação que subjaz à obra; o júri que a apreciou e que, ao invés de mim, era competente para o fazer, aprovou-a sem discrepância. Já me parece adequado determo-nos um pouco sobre o esboço biográfico. É um excelente exercício de leitura global, não apenas do percurso vital da personagem, como da circunstância social e cultural, que abrange, não o esqueçamos, o tumultuoso fim do século XIX, a crítica fase da implantação da República e o advento e consolidação do Estado

Novo. O Padre Américo teria sido apóstolo dos pobres, mormente dos mais pequeninos, em qualquer época histórica; mas o modo como o foi e como realizou a sua missão, esse só é interpretável se tivermos presente o ambiente social e político em que aconteceu. A Autora cuida de respeitar a verdade, de não pisar terrenos especulativos mas não deixa de situar o Homem no seu tempo.

Em obediência a este princípio, aborda com delicado respeito o problema da espiritualidade de Américo de Aguiar. Também aqui acerta, sem dúvida, no alvo da realidade, ao sublinhar o seu carácter franciscano, revelado não tanto pelo seu noviciado num mosteiro franciscano da Galiza como pela sua permanente busca de um encontro vital com o Cristo sofredor, mostrando as suas chagas de pobreza, doença e abandono. Como fez o Poverello de Assis, Padre Américo abraçou este Cristo durante toda a sua vida de Padre da Rua. Mas a Autora discerne ainda outros traços na sua formação espiritual, nomeadamente S. Vicente de Paulo e Frederico Ozanam, cujo apelo insistente “Vamos aos pobres!” ecoa, como refulgente realização, na vida do Padre Américo.

A parte nuclear da obra que nos atrevemos a analisar relata a acção de Américo de Aguiar, seguindo a sua cronologia e expondo as suas características. É, como não podia deixar de ser, de fulcral importância e valia neste contributo para o estudo das dimensões antropológicas, axiológicas e proféticas do projecto pedagógico em apreço. A Autora reconhece, com meridiana clareza, que “nunca foi pretensão do Padre Américo edificar uma teoria pedagógica”, mas que a sua acção era enformada por princípios inovadores e lançava sementes que viriam a frutificar em dias posteriores, como por exemplo os que vivemos. Não é aqui o lugar nem esta a ocasião para lembrarmos a praxis da “porta aberta” e o lema “dos rapazes, para os rapazes, pelos rapazes” que, como todos o sabemos, nortearam e norteiam a vida da Obra da Rua. Bem procedeu a Autora, ao remeter para publicações especializadas, que as há e de apreciável qualidade, respeitantes à pedagogia do Padre Américo, sem se deter na sua esmiuçada análise. O que importa é distinguir, como ela nos faz notar, as traves mestras da vida — acção do Pai Américo: auto-governo, trabalho, liberdade com responsabilidade, valores estes só verdadeiramente realizáveis no reconhecimento da amorosa presença de Deus, na harmonia com a natureza por Ele criada e no seio da família, fosse ela de sangue ou de afecto. Para demonstração deste axioma, a Autora dá a palavra ao Padre Américo, transcrevendo os passos dos seus escritos que melhor ilustram as suas asserções.

A talho de foice, convém fazer notar que tais transcrições constituem uma apreciável parte do texto, o que poderia ser malevolamente interpretado como tentativa de o insuflar, sobredimensionando-o. Mas não é assim, de todo não é assim: é que esses fragmentos transcritos, por vezes longos, outras vezes bem curtos, foram criteriosa e sabiamente

escolhidos por ilustrarem, expandirem e testemunharem as noções apresentadas pela Autora; constituem, no seu conjunto, uma espécie de selecta, de lugares escolhidos, de suma anotada do pensamento e do legado do Pai Américo, laboriosamente preparado a partir dos milhares de páginas de, naturalmente, bem variada qualidade e significado que ele nos deixou. Creio, por isso, que muito é de louvar esta tarefa a que a Autora lançou ombros.

Sempre clara, escoreita e elegante, a prosa de Maria Manuela Lopes-Cardoso culmina com considerações finais que bem merecem ser meditadas e se revestem de enorme interesse actual. Faz-nos notar que a pedagogia que o Padre Américo nos deixou é a de hoje e não a do seu tempo. Arrancou crianças ao lodo e à fome não apenas para lhes dar de comer, mas antes de mais para as educar, isto é, para lhes dar as condições que lhes permitissem atingir graus de liberdade, de responsabilidade, de realização pessoal. Foi ao encontro dos destituídos e miseráveis, não por sentimental inclinação pelos pobrezinhos, mas por respeito por toda a pessoa humana, particularmente pela desfigurada pela miséria física, psíquica ou moral. Albergou os doentes terminais, não para os curar, mas para que pudessem viver em dignidade e acompanhados a sua própria morte. Criou regras para os seus companheiros e sucessores, os Padres da Rua, não para estabelecer uma ordem ou movimento eclesial, mas para que os sacerdotes para esta seara vocacionados possam ser úteis no serviço ou, como ele dizia, para poderem “sangrar até ao fim”.

O Padre Américo, em apenas 25 anos, torna realidade actuante a Sopa dos Pobres, fundada pelo Bispo de Coimbra, D. Manuel Luís; cria a Obra da Rua; promove as Colónias de Férias do Garoto da Baixa de Coimbra; funda a Casa do Gaiato de Coimbra, e, na mesma cidade, o Lar do ex-pupilo das Tutorias e dos Reformatórios do País; lança a Casa e a Aldeia do Gaiato em Paço de Sousa, a que se seguem as Casas de Lisboa e Setúbal (a que se juntariam, já depois da sua morte, as de Malanje, Benguela e Lourenço Marques). E ainda funda o Património dos Pobres, que em breve atinge as 700 casas e, finalmente, instala em Beire uma outra Casa e o Calvário, uma absoluta inovação, precursora do que hoje se chama cuidados paliativos e se reconhece ser um direito e uma necessidade. Simultaneamente, percorre o País, vai ao Brasil e à África, pede esmola na rua, nas igrejas, nas praias, nos cinemas, nas associações, nos ministérios — e ainda lhe sobra tempo para escrever, escrever vida e doutrina, experiência e sonho, num estilo inconfundível, directo, forte, de raiz popular mas de paredes meias com a transcendência, do seu imenso coração para o coração dos seus ouvintes. De facto, após o seu nome é necessário escrever um ponto de exclamação!

Ainda precisamos do Padre Américo? A leitura deste livro reforça-nos na convicção de quanto necessitamos da Obra da Rua, do Património dos Pobres, do Calvário. Há muitos Barredos por aí, os miúdos drogam-se e prostituem-se, os heróis são os ladrões e os arrebenta, há gangs e sórdidas explorações. Há miséria à vista e escondida, pulula o mau aproveitamento escolar, os vícios e a fraude parecem ter adquirido respeitabilidade. Padre Américo fornece-nos respostas, indica-nos caminhos, insufla-nos esperança e alegria, apesar de tudo, para além de tudo. É a sua obra que nos fala, tal como ele se nos dirige através dos seus escritos. Vivo, perpassa neste livro a sua presença, o seu enorme e sorridente vulto, os seus olhos faiscantes de inteligência e de alegria, a sua dedicação radical, até ao sangue; vivo, fala-nos, admoesta-nos, incentiva-nos, anima-nos.

Por nos ter facultado este Padre Américo vivo, trazendo-o de novo até nós, devemos à Doutora Maria Manuela Lopes-Cardoso uma enorme, sincera e comovida gratidão. Bem-haja, pois!»

PENSAMENTO

Ai que se todos os padres fossem loucos, muita gente teria juízo.

PAI AMÉRICO